

CONTAR O AMOR EM TEMPOS DE GUERRA: “O FILHO DA MÃE”, DE BERNARDO CARVALHO

DA CRUZ, Lua Gill¹; CUNHA, João Manuel dos Santos²

¹ Acadêmica do Curso de Letras – Português/Francês da UFPel; bolsista PIBIC-CNPq 2011-2012; integrante do Grupo de Pesquisa “Literatura Comparada: interdisciplinaridade e intertextualidade”;
lua_gill@hotmail.com;

² Doutor em Letras, professor no Centro de Letras e Comunicação–UFPel; coordenador do projeto de pesquisa; orientador; profjoaomanuel@terra.com.br.

1 INTRODUÇÃO

Este resumo expandido apresenta, de forma sucinta, tópicos desenvolvidos durante a leitura crítica do romance e algumas das conclusões a que se chegou durante a investigação proposta no âmbito do projeto “Literatura Brasileira Contemporânea: fluxos e influxos transtextuais”, por meio do subprojeto “Amores impressos, amores expressos: “O filho da mãe”, de Bernardo Carvalho”.

Amor e guerra são temas recorrentes na literatura e se constituem como substrato do imaginário universal. De forma ampla, como explicita TADIÉ, “os temas universais (o amor, a morte) continuam semelhantes durante todo o transcorrer da História” (1992, p. 22). Contemporaneamente, na esteira de embates sociais, culturais e políticos, gestados na clivagem pós-moderna, a narrativa de ficção tem recuperado essa relação por meio de ampla diversidade de subtemas, tais como os da migração, intolerância e preconceito; ou, ainda, o do esgarçamento do tecido social em contexto globalizado e, inevitavelmente, nesse âmbito, o da fragilização das relações humanas de forma geral, e, em especial, dos vínculos familiares e amorosos. Esse é o caso do romance “O filho da mãe”, de Bernardo Carvalho, lançado em 2009. Ainda que todos os temas e subtemas alinhados no parágrafo anterior tenham sido identificados na narrativa em foco, neste resumo, serão apresentados, de forma ampla, resultados da leitura crítica enfocada no tema do paradoxo das imbricações do amor e da guerra. Especialmente, do amor materno e da ligação homossexual entre os protagonistas, Andrei e Ruslan, já que, em “O filho da mãe”, os dois temas são pensados mesmo como inexoravelmente entrelaçados, como argumenta o próprio autor: “Reproduzir faz parte da natureza humana, tanto quanto a guerra. Reproduzir e matar” (CARVALHO, 2009, p. 156).

2 METODOLOGIA

O princípio metodológico que norteia a pesquisa origina-se das teorias da intertextualidade (KRISTEVA, 1969; BARTHES, 1982) e considera a premissa de que todo texto, visto como um corpo do saber multifacetado, segundo Tânia Carvalhal, é “absorção e réplica a outro texto (ou vários outros)” (1998, p.50) e, portanto, deve ser lido por meio de leitura contrastada com outras textualidades, literárias ou de outros campos do conhecimento. O objetivo da investigação é o de analisar *corpus* composto por narrativas de Bernardo Carvalho entre si, e dessas com outros textos, literários ou não, privilegiando a interpretação do romance “O filho da mãe”, além de considerar a sua vinculação com o projeto multimidiático “Amores expressos”, criado em 2007 pela Editora Companhia das Letras e pela RT Features, para a produção e veiculação de obras literárias sobre o tema universal do “amor”.

3 RESULTADOS E DISCUSSÃO

O tema do amor materno em tempos de guerra é apresentado já no primeiro capítulo, quando o narrador heterodiegético localiza o leitor na diegese temporal e espacial, por meio de um diálogo entre duas ex-colegas de escola, Marina e Lúlia, que se reencontram depois de muitos anos e revelam a penosa situação em que vivem. Lúlia, doente terminal, declara: “Não posso ter filhos” (p.11), frase que carrega muito significado para uma mulher, que, como ela mesma diz, faz com que deva se explicar a cada vez que revela sua condição. É na impossibilidade de ter filhos, bem como na situação da morte iminente, que Lúlia procura o Comitê das Mães dos Soldados de São Petersburgo para salvar a vida de outrem – um ou outro soldado a quem possa ajudar, livrando-o da guerra – e assim justificar a sua própria vida. O que move essa tocante cruzada é não só o desejo de salvar vidas como o de justificar a sua própria vida: “Se quero salvar um rapaz que não é meu filho, deve ser para que alguém se lembre de mim” (p. 186).

Carvalho fornece ao leitor, também nesse primeiro contato entre as duas mulheres, informação intertextual importante para a compreensão da história. Enquanto Marina e Lúlia conversam, lembram a história da avó de Lúlia, a qual teria encontrado, na frente de uma prisão, a poetisa Anna Akhmatóva. Ao transformar a escritora russa em personagem da ficção, o narrador concilia realidade e invenção, com o intuito de indicar ao leitor o substrato histórico em que sua história ocorre. O poema inserido em “O filho da mãe” faz parte do livro “Réquiem: um ciclo de poemas” e mostra como “a literatura pode dialogar com a intolerância do poder, denunciando e/ou desconstruindo suas estruturas repressoras sem perder seu caráter de obra artística” (OLIVEIRA, 2010, p. 60). A guerra é essencial na construção do romance, pois, além de atualizar o tema universal e atemporal desses conflitos e dos correlatos estados de opressão, autoritarismo, violência e morte, coloca a questão sob um foco diferente, isto é, o da visão do horror sob o prisma das relações amorosas, sejam elas de que natureza forem, inclusive por meio de sua representação literária.

As relações amorosas desenvolvidas no romance são, para além do generalizante tema do “amor”, parte fundamental para a sustentação de assuntos como os da diversidade, identidade e desagregação dos vínculos afetivos familiares. A natureza do amor entre mães e filhos é apresentada sob vários matizes e formas. Entre eles, identifica-se o natural amor maternal, de Marina pelo seu próprio filho, mas também o amor solidário, que pode ser identificado na tentativa de salvar o protagonista Andrei, numa busca de redenção por não ter conseguido salvar o seu filho; ou, ainda, a falta de amor de uma mãe, Anna, pelo seu filho abandonado, Ruslan; ou o amor incondicional da avó de Ruslan, tentativa de recuperação das inexistentes referências paterna ou materna; ou, também, o amor autoritário, triste e frio, de Olga e Nikolai, mãe e padrasto de Andrei.

Assim, é a partir da intersecção de todos esses “amores expressos” que se estabelece a discussão do princípio da incondicionalidade do amor materno e que, “embora seja uma espécie de princípio masculino o que rege as guerras, a expressão ‘mãe de todas as guerras’ é o *leitmotiv* utilizado nos conflitos envolvendo nacionalidade, etnias, fundamentalismos” (OLIVEIRA, 2011, p. 105). Mais do que isso, entretanto, o amor materno está diretamente ligado ao próprio drama da guerra civil da Tchetchênia e aos dramas individuais dos diversos personagens. O amor é,

então, nesse contexto, para além de qualquer outra coisa, o símbolo da impossibilidade, do fracasso, isto é, o amor só existe na medida em que não pode ser concretizado: todos os “amores expressos” em “O filho da mãe” não resistem às contingências de uma sociedade em dissolução, social, política e culturalmente, e são tragicamente irrealizáveis.

É também a partir do entrecruzamento de eventos já no primeiro capítulo que se percebe que *O filho da mãe* não é só uma história de mães tentando salvar os seus filhos, mas também, e principalmente, uma história de amor, na acepção da relação amorosa-sexual de um casal homossexual, que se configura como marca fundamental na obra de Carvalho como um todo. Trata-se dos jovens Ruslan, um jovem refugiado da Tchetchênia, que vai em busca da mãe em São Petersburgo, e de Andrei, um jovem soldado, filho de uma russa e de um brasileiro, que sai de Moscou e vai a São Petersburgo, obrigado pelo padrasto e pela mãe a ingressar no exército. Para sobreviver à vida na instituição, Andrei é obrigado por oficiais corruptos a se prostituir e, numa dessas ocasiões, quando retorna ao quartel para entregar o dinheiro recebido, conhece Ruslan. Começa aí a história de amor às avessas entre os dois jovens. Em sucessivos reencontros por ruas e becos escuros, os dois acabam por se reconhecerem: dois sujeitos à parte de uma sociedade em ruínas, vulneráveis, que só se sentem íntegros quando fisicamente se encontram. Nenhum deles se sente como parte daquele lugar e, quando sozinhos, a sensação de não-pertencimento se torna insuportável. Para Andrei, a idéia de “uma vulnerabilidade maior que a sua lhe desperta o amor” (p.139), sentimento que só pode ser expressado, fisicamente, entre as ruínas físicas da cidade em reconstrução e na sensação de provisoriedade existencial. Ainda que metaforicamente consideradas, a condição de não-pertencimento e desagregação identitária determinam a posição dos dois jovens em um tecido social esgarçado, entre a violência da guerra e a vivência de uma relação amorosa dificilmente aceitável na sociedade russa: “Qualquer tchetcheno a quem se fizer a pergunta dirá que não há homossexuais na Tchetchênia.” (p. 35). É nesse contexto que se consolida a relação entre os dois, entre os escombros é que se encontram; é na própria condição de seres fragmentados e vulneráveis que se reconhecem, pois, de alguma forma, “Ruslan passou a associar o amor ao risco e à guerra, porque não conhecia outra coisa. Associou o sexo à trégua (o desejo deixava a realidade em suspenso) e o amor à iminência da perda. E daí em diante só conseguiu amar entre ruínas” (p. 38). Segundo FRANCO, é para esse metafórico “espaço de ruínas que o desejo dos dois personagens conflui”, gerando “sensações diferentes em cada um”, pois, para Ruslan, “o espaço é associado à guerra e ao sexo e isso é o seu lar”; e para Andrei, “o espaço denota ‘descoberta’ e ‘estranheza’, mas a ‘memória afetiva’ que compartilha com o outro o torna menos só” (2010, p. 10).

Ao final da narrativa, Carvalho constrói a metáfora que dá conta da monstruosa situação social, amorosa e, no limite, existencial, em que se encontram seus dois desgarrados personagens: a da “Quimera”, um “animal estranho, parecia um potro, mas era outra coisa, dois fundidos num só, indistintos. Não consegue ficar em pé. As quimeras são raras e os pastores nas montanhas as veem como portadoras de mau agouro, porque põem a reprodução num impasse, fazem da reprodução uma monstruosidade” (p.161). O animal metaforizado simbolizaria o encontro dos dois jovens, indissociáveis a partir do mútuo reconhecimento de sua condição. Ou seja, nele se fundiria a própria existência de Ruslan, filho de russa e caucasiano, mas também a sua união com Andrei. A união de um russo e um

caucasiano, que deveriam ser “inimigos”, mas que, pelo amor, identificam-se como um único ser, ainda que, aos olhos da sociedade, possam ser vistos como uma monstruosidade. A Quimera seria, assim, o símbolo da condição dos dois que são um, determinando a única resolução possível para a sobrevivência do casal: a tentativa de escapar de um fim trágico, partindo, exilando-se, buscando um lugar que não seja um “entre-lugar”. Refletindo sobre a inexorabilidade do destino dessas personagens, Beatriz Resende conclui que não há outra realidade possível para elas senão o trágico radical, que “é o elemento que inicia, impulsiona e conclui as narrativas” (2010, p.31). Para a autora, há enigmas, mas não há explicações, “senão o próprio reconhecimento da tragicidade da condição humana, ambígua, inexplicável e incontrolável” (2010, p.32). Nesse sentido, a reflexão transcende o espaço simbólico da literatura de Carvalho e articula leitura sobre a inexorável condição humana, desde as poéticas clássicas até a pós-modernidade.

4 CONCLUSÃO

É a partir de relações interpessoais pautadas por situações de conflito, sejam elas relativas à intolerância e ao preconceito de forma ampla, ou, pontualmente, como consequência da não aceitação e reconhecimento do outro, visto em sua diversidade racial, cultural, religiosa, linguística ou sexual, que se tecem os amores expressos por Carvalho em “O filho da mãe”. Independentemente da localização geográfica e do contexto político em que as histórias de mães e filhos desgarrados se desenvolvem, entretanto, é de um sentimento universal e atemporal que o escritor está falando: o do amor, seja ele focado como o elo essencial que sustenta as ligações familiares, ou como o amor idealizado ou o amor erótico e sexual. Ainda que essas relações amorosas sejam desenvolvidas em contexto de tragicidade e finitude agônicas, ainda que o tecido social esteja corrompido, e mesmo que as fronteiras éticas e morais estejam borradas, é preciso falar desse sentimento. É preciso contar essas histórias de amor, pois “histórias de amor podem não ter futuro, mas têm sempre passado” (p. 186).

5 REFERÊNCIAS

- AKHMATÓVA, Anna. **Antologia poética**. Porto Alegre: L&PM Pocket, 2009.
- CARVALHAL, Tânia F. **Literatura Comparada**. São Paulo: Ática, 1998.
- CARVALHO, Bernardo. **O filho da mãe**. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.
- FRANCO, Adenize. As ruínas da contemporaneidade: literatura e resistência em tempos de globalização. In: 4º CIELLI - Universidade Estadual de Maringá. **Anais**. Maringá, 2010.
- OLIVEIRA, Paulo César de Oliveira. No aqui e agora da ficção brasileira: uma leitura de *O filho da mãe*, de Bernardo Carvalho. **Revista UNIABEU**, Belford Roxo, v. 3, n.5, p. 57-69, 2010.
- OLIVEIRA, Paulo César S.. Representações da guerra da Tchetchênia, em *O filho da mãe*, de Bernardo Carvalho. **Terra roxa e outras terras – Revista de Estudos Literários**, v. 21, p. 101-112, 2011.
- RESENDE, Beatriz. **Contemporâneos: expressões da literatura brasileira no século XXI**. Rio de Janeiro: Casa da Palavra: Biblioteca Nacional, 2008.
- TADIÉ, Jean-Yves. **A crítica literária no Século XX**. Rio de Janeiro: Bertrand do Brasil, 1992.